

# Educando em Comunidades Vulneráveis

Baseada na banca de Defesa: Mestrado em Estudos Teológicos  
Isabella França e França





# O que são comunidades vulneráveis?

Comunidades marginalizadas e a falta de acesso à educação:

"[A falta de acesso à educação acarreta a negação das] ferramentas necessárias para participação cívica e engajamento consciente com instituições formais. Negação à educação perpetua ciclos de exclusão, desempoderamento e marginalização" (DEEPA et al., 2000, p. 126).

O mesmo relatório apresenta os efeitos da pobreza como sentidos majoritariamente em termos psicológicos, mais do que em termos de necessidades físicas ou materiais.





## Educação Adventista como Ferramenta de Missão

Denominações cristãs diversas reconhecem o caráter extremamente social do trabalho de Cristo aqui na terra.

Portanto, ao cumprirem a Grande Comissão (Mat. 28:19), buscam a integração entre o social e o espiritual.

A IASD, de maneira particular, enxerga esse desafio de forma ainda mais profunda.

## Contexto histórico e cultural de EGW



Apesar do seu contexto norte-americano do século XIX, EGW se destaca na produção de um pensamento liminar (MIGNOLO apud SUÁREZ, 2010) e de fronteira (ANZALDUA apud SUÁREZ, 2010), que ressoa com as necessidades principais de comunidades marginalizadas.

## Educação e Redenção



A questão da pobreza pode ser vista como quebra de relacionamento em diversos níveis, e a comunidade afetada, como protagonista no processo de reconexão/redenção (MYERS, 2011). Para White, "a obra da educação e da redenção são uma" (2016c, p. 20).

## Educação e Desenvolvimento Social



Desenvolvimento de uma educação holística, que enxergue a complexidade dos alunos, a aplicabilidade dos conteúdos ensinados e o envolvimento da comunidade como agentes de transformação.

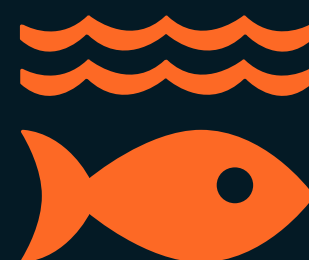


# Comunidades Tradicionais



“A religião está na raiz de cada cultura como fator determinante dos princípios da vida” (LIDÓRIO, 2009, p. 654).

Culturas tribais, tradicionalmente animistas, possuem uma forma bastante específica e distinta da forma ocidental de se enxergar a realidade.



## Animismo

“Um subproduto de uma prática estratégica inerentemente boa e necessária: [...] nós interpretamos as ambiguidades perversas do mundo como sinais de vida e humanidade” (GUTHRIE, 2000, p. 106).



## Oralidade

As comunidades orais entendem o mundo como uma série de eventos “dinâmicos e relativamente imprevisíveis, um mundo baseado em eventos ao invés de um mundo de objetos, altamente pessoal, abertamente polêmico” (ONG, 1969, p. 634).





# A População Iraya

Um dos sete grupos indígenas da Ilha de Mindoro, no arquipélago-nação das Filipinas.

Apesar de não se reconhecerem como tal, a literatura os classifica como *negritos*, por suas características fenotípicas: "pele escura e [...] uma estrutura corporal do 'tipo pigmeu'. [...] Pequeno em tamanho, ostentando cabelos crespos, usando um fio-dental, vivendo em bando e perambulando dentro da floresta para subsistir principalmente pela caça e forrageamento" (PADILLA, 2013, p. 209-210).

## Espaço e Economia

Conexão com sua terra: "Para nós, é o lugar onde nossos ancestrais vivem. Onde eles vivem é onde nós somos povo. Você toma o nosso lugar, você toma o nosso passado. Você toma o nosso passado, e nós deixamos de existir" (apud ESMELLI, 2015, p. 98)



## Personalidade

Acredita-se que determinados comportamentos atraiam certos tipos de espíritos, portanto coragem, raiva e luto, são expressões altamente desencorajadas nessas comunidades. Alegria e carinho são demonstrados apenas por crianças.



## Crenças Religiosas

Tradicionalmente, sua visão de mundo é dualista e sua crença animista ensina que "o mundo é habitado não somente por humanos e animais, mas também por vários seres não-humanos" (KOCH et al., 2019, p. 280), que, apesar de sua natureza espiritual, possuem atributos humanos como nome, gênero, hierarquia e até mesmo esposas (BAES, 1998).



Fonte: acervo pessoal da autora





# Análise de Dados

## Tema 1: Identidade Cultural

A preservação da identidade cultural dos grupos tradicionais faz parte da História de uma nação, que se entende a partir de uma continuidade temporal de acontecimentos e símbolos. A inclusão de seus indivíduos na escrita da História garante a legitimação da narrativa de uma nação.

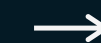
Identidade cultural é definida como "o conjunto de referências culturais por meio do qual uma pessoa ou um grupo se define, se manifesta e deseja ser reconhecido" (CHIRIBOGA, 2006, p. 44-45).

Seu fortalecimento se dá pela capacidade de ser enriquecido pelo contato com o outro, sem perder sua própria identidade.

Figura 1: Alunos em visita ao comitê da província de Mindoro Ocidental



Fonte: acervo pessoal da autora





# Vulnerabilidade e autonomia

“A grande ameaça provocada pela vulnerabilidade social diz respeito ao exercício da autonomia” (MACEDO E ANDRADE, 2012, p. 76).



## Cuidado infantil

- Diferença de gênero
- Ausência dos pais

Figura 2: Crianças Iraya andando pelas vilas



## Responsabilidades

- Cuidado da casa
- Tensão entre cuidar e brincar

Figura 3: Criança carrega garrafas pet com água para casa em suporte de bambu



## Estrutura

- Saneamento básico
- Ponto de encontro

Figura 4: Mulher lavando roupa em ponto de água na vila



## Impressões e relatos - Dinâmicas familiares

"Tem muita criança (...) mas você quase não vê os pais, que são poucos [já que eles] têm muitos filhos. Quando fomos visitar a vila, passamos pela casa de uma menina de 11 anos, que parecia ter 7 ou 8, (...) que morava sozinha com a irmã mais nova porque a mãe foi para alguma cidade trabalhar e retorna em dezembro. (...) As crianças não comem direito quando os pais estão por perto. Imagina sem eles?" (Diário de campo da autora, 26 de outubro de 2018).

"[O aluno] admitiu que se sente culpado de estar num lugar legal (a sede do projeto, que conta com instalações de alvenaria e oferece alojamento e as três refeições diárias) e os pais estarem passando fome. [Ele prosseguiu dizendo que] ainda não passou todo o tempo que precisa com os pais, pois até os 12 anos de idade ele foi criado pelo irmão e pela cunhada em uma casa separada, situação muito comum nas vilas" (Diário de campo da autora, 09 de novembro de 2018).



# Contrastes

Kwon (2013) afirma que a construção de estruturas em alvenaria é um dos motivos do recente abandono da mobilidade dos Iraya.



Figura 5: Habitações nas vilas



Figura 6: Campus de uma das escolas de Ensino Fundamental do projeto



## Autoestima

Mosquera e Stobäus (apud MENDES et al., 2012), afirmam que a autoestima é o pilar fundamental da construção da personalidade e de interações sociais saudáveis e está baseada na imagem de si que, por sua vez, é construída a partir da coleta de informações de fontes externas e análises internas, que as rejeitam ou acolhem.

Na vida adulta, o indivíduo que não teve sua autoestima construída de forma saudável corre o risco de interpretar o espaço à sua volta como “intensamente ameaçador que não a acolhe como sujeito e não oferece igualdade de oportunidades, impedindo, assim, a plenitude de suas potencialidades” (GESSER E COSTA, 2018, p. 21).

As opiniões alheias de figuras importantes na vida do indivíduo, como pais e professores, servem como base para a autoestima. Uma construção saudável da mesma, principalmente em indivíduos em situação de vulnerabilidade, é fundamental para a construção de uma vida rica e potente.



## Impressões e relatos - Relações com os docentes

Os docentes precisam reconhecer, de forma intencional, a situação a qual eles próprios e seus alunos estão submetidos. O silêncio em torno do preconceito e a falta de autoanálise e conhecimento acabam por perpetuar dinâmicas de segregação e vulnerabilidade. Gesser e Costa (2018) afirmam que, em muitas escolas, o corpo docente “não é preparado para a prática da transformação durante sua formação acadêmica, bem como traz consigo valores e preconceitos assimilados do contexto social a que está submetido” (p. 28) o que acarreta na reprodução automática e involuntária de comportamentos nocivos.

O ponto de vista é de um dos alunos do Ensino Médio. Ele fala “um pouco sobre a distância entre os professores da vila e os nativos, que (...) não saem muito do campus [da escola] e que a comunicação [entre eles] é precária”. Ele continua, dizendo que “os nativos não se sentem ‘ministrados’. Ele chegou a falar que parece a divisão entre Estado e Igreja, mas que a vila gosta da escola” (Diário de campo da autora, 14 de setembro de 2018).



# Representatividade e cultura escolar

Gesser e Costa (2018) afirmam que o “espaço escolar [é] o primeiro a ter forte influência sobre a construção identitária [dos] jovens” (p. 20). Portanto, cabe à escola auxiliar essas crianças e jovens na construção de uma identidade saudável e que reflita seu contexto cultural, bem como equipá-los para o funcionamento numa cultura pouco representativa.

## Corpo docente

Majoritariamente composto por não-nativos e estrangeiros, carecem de representatividade e identificação com o corpo de alunos.

## Submissão

Os alunos são expostos a materiais didáticos advindos de outras culturas e lecionados por não-nativos, enquanto o trabalho braçal é realizado pelos alunos e outros nativos.

## Rebeldia e militância

Estágios comuns do processo de identificação étnico-cultural, precisam ser entendidos pelo corpo docente e administrativo para que se tornem produtivos.



## Impressões e relatos - Militância e rebeldia

"O projeto existe há 20 anos e apenas dois alunos se formaram no Ensino Médio até agora: a primeira aluna a se formar não quis ser patrocinada pelo projeto pois para isso teria que fazer faculdade à distância e residir na sede; o segundo aluno, apesar de um desempenho excelente durante toda a sua vida acadêmica, performou muito abaixo na prova de admissão, sugerindo um boicote por não haver sido permitido que cursasse engenharia. Por fim, ele não ingressou em faculdade nenhuma, retornou para vila e trabalhava com barcos (Diário de campo da autora, 12 de outubro de 2018).

Gesser e Costa (2018) afirmam que, “ultrapassado o estágio da militância, o sujeito está em condições de articular-se com grupos, projetos e desenvolvimentos nas mais diversas temáticas, que não se apliquem com foco exclusivo nas questões étnico-raciais” (p. 27).



# Análise de Dados

## Tema 2: Punição e Medo

Punições severas, com características sobrenaturais, e encorajamento de sentimentos de medo encontram suas motivações dentro das antigas crenças animistas das vilas alvo da pesquisa.

No entanto, partindo da informação de que tais vilas já passaram pelo processo de evangelização, conforme exposto por Baes (1998), seria de se esperar que tais crenças não afetassem mais os comportamentos dessas vilas.

Cultos em formato e construções de características ocidentais alertam para a falta de identificação dessas comunidades com o evangelho ao qual lhes foi apresentado.

Figura 8: Igreja em uma das vilas alvo do projeto



Fonte: acervo pessoal da autora





## Impressões e relatos - Punições e espiritualidade

Em casos de quebra de regras, "a liderança da vila, chamados de anciãos, decide o que deve ser feito e a vontade dos avós é muito respeitada, principalmente da avó da mulher. (...) Outra decisão da liderança foi de açoitar os dois, prática comum de punição nas vilas. O [administrador do projeto] interferiu falando que se eles decidissem açoitá-la, ele tomaria o lugar dela. Os açoites não aconteceram. [A aluna] teve permissão de terminar o ano letivo" (Diário de campo da autora, 04 de maio de 2019).

O diário de campo da autora também aborda a questão da espiritualidade em relação aos alunos do Ensino Médio. Um dos trechos traz o depoimento de um dos alunos durante a aula de religião, que diz que "se sente hipócrita nos cultos e na igreja, porque é obrigado a ir e não pode falar o que ele realmente pensa" (Diário de campo da autora, 14 de setembro de 2018). Outro trecho traz a impressão da autora sobre o comportamento dos alunos na igreja, ao dizer que "todos participam dos cultos, cantam, e dão as respostas corretas. Mas nem todos dizem que se entregaram a Jesus e O consideram o seu melhor amigo" (Diário de campo da autora, 09 de agosto de 2018).



## Comportamentos e crenças

Outro conceito que também possui origens animistas, é o de coragem. Agir a partir desse conceito, conforme entendido por culturas ocidentais, é evitado nas comunidades Iraya a partir da crença que atrairá espíritos ousados. Tal crença, portanto, torna a fuga, prática comum dentro dessas comunidades.

### Fuga e estrelas

Cadiz et al. (2019) observaram que se os parentes e figuras de autoridade desaprovam um relacionamento, é comum os jovens fugirem para consumarem a relação. Tal fuga seria denunciada pela posição das estrelas.

### Refúgio nas montanhas

De acordo com Darapisa (2019), as montanhas e suas florestas são vistas como locais fortemente relacionados às suas crenças e cultura, e que abrigam seus ancestrais, divindades e forças espirituais benevolentes (p. 13, 18).

### Ameaça e medo

A presença constante de ameaças de punição, de desapontamento, de perda da vida e autonomia, cria sentimentos ambíguos que oscilam entre a rebeldia e o medo.



## Impressões e relatos - Medo e corpo

Green (1994) afirma que o medo, como ameaça social sempre presente, corrói as relações familiares e sociais através do estabelecimento de uma cultura de suspeita e apreensão (p. 227). Em situações como essa a própria vida do indivíduo é prejudicada. A pessoa “não pode viver em um constante estado de alerta e, portanto, o caos que o indivíduo sente se torna infundido através de seu corpo. Ele surge frequentemente em sonhos e doenças crônicas” (p. 231).

“[Outra aluna] teve um ataque de ansiedade à noite por conta de dores abdominais. Acredito que seja o terceiro dos últimos dias. A reação é parecida com a da [primeira aluna] há pouco tempo atrás” (Diário de campo da autora, 20 de novembro de 2019). Durante o ocorrido, a aluna mencionou muitas vezes a sua mãe, entre choros e pedidos de socorro. O que chamou a atenção dos professores era que ela mencionava que sua mãe também estava doente, apesar de não ter contato com ela há semanas.



# Sugestões e estratégias

Kwon (2013) afirma que entre os Mangyan, de uma forma geral, as instituições religiosas são parte fundamental do processo de mudança social e que o processo de conversão, tem se confundido com o processo de desenvolvimento social em suas diversas formas (p. 15).

Incluído no processo de mudança social, está o processo de aculturação e modernização.

Esse processo acarretou em:

- Alteração das estruturas das vilas;
- Diminuição no tamanho das famílias e casas;
- Aumento no tamanho dos assentamentos;
- Falta de identidade espiritual na herança cristã ocidental;
- Falta de identificação e contextualização do texto bíblico;





## Sugestões e estratégias educacionais frente ao tema 1: identidade cultural

### Currículo e fontes de conhecimento

### Processo de escolarização

### Corpo docente

Passagem de conhecimentos tradicionais pelos integrantes das vilas

Fortalecimento da identidade cultural e autoestima

Treinamento em conhecimentos indígenas e comunidades vulneráveis

Inclusão de conhecimentos sobre sustentabilidade e legislação indígena

Envolvimento ativo das famílias nos processos e decisões da vida escolar

Acompanhamento psicológico como ferramenta de autoconhecimento

Produção de material didático nativo

Ambientação dos espaços escolares com motivos indígenas

Identificação com as vilas, inclusão de professores nativos e de alunos em trabalhos de cunho intelectual



## Sugestões e estratégias evangelísticas frente ao tema 2: punição e medo

### Comunicação do evangelho

### Ferramentas para o medo

Reforço da autoridade divina e bíblica em parceria com a comunidade local

Entendimento, identificação e diferenciação entre medos reais e irrealis

Construção de relacionamentos profundos com a comunidade

Reconhecimento e experiência do poder divino contra as ameaças

Ensino do texto bíblico a partir das características orais da comunidade

Reconhecer o protagonismo da comunidade nesse processo



# Conclusão

As informações apresentadas neste trabalho visam despertar aqueles que adquirem esse conhecimento à ação e ao envolvimento consciente nas causas dessa comunidade. É somente a partir do entendimento da história de uma comunidade, que é possível vislumbrar um envolvimento eficaz e respeitoso.

O missionário deve ter em mente que além da escassez econômica ou da falta de uma religião cristã, ele está lidando com indivíduos criados à imagem de Deus e que, por isso, merecem construir uma vida plena e produtiva aqui e no porvir. Esse entendimento começa no coração do próprio missionário que busca, em Deus, o amor pelo próximo bem como por si mesmo.



# Obrigada

